



CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Reconhecido de utilidade pública estadual pela lei 640
de 17/11/64 (D.O.01/12/64)

SEDE PRÓPRIA: Av. Rio Branco, 277 / 805 - Edifício São Borja
20047-900 Rio de Janeiro (RJ) BRASIL

TELEFONE: 0XX21-2220.3548

PÁGINA NA INTERNET: <http://www.cerj.org.br>

EMAIL: cerj@cerj.org.br

REUNIÕES SOCIAIS: quintas-feiras a partir das 20:00 horas

ANO 67 - NÚMERO 604 - JUNHO de 2006

CERJ
Boletim

IMPRESSO

NESTA EDIÇÃO:

JP E WAL NOS AUSTRIACOS

CERJ NO SANTO ANTONIO

ABERTURA DE TEMPORADA

LEUZINGER VOLTA AO GARRAÇÃO 30 ANOS DEPOIS

*Sorriso no cume: Leuzinger, Velho, Wal, Zé
e Mollica (Foto tirada pela Ana Paula)*





EXPEDIENTE 2006

Presidente:

José Carlos Muniz Moreira

Vice-Presidente

Carlos Alberto Carrozzino

Secretário

José de Oliveira Barros

Tesoureiro

1 - Ana Paula de Almeida

2 - Solange Conde

Diretor Técnico

Júlio César Paes de Mello

Supervisor Técnico

Gustavo Moulin

Diretora Social

Paula Garcia (*in memorium*)

Claudia Frias

Diretor de Ecologia

Domingos Sávio Teixeira

Diretor de Divulgação

Silvia Noronha

Divulgação eletrônica

Mônica Costa

Auxiliar de Divulgação

Miriam Gerber

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Luiz Antonio Puppim

CONSELHO FISCAL

MEMBROS EFETIVOS

Iara Aniboleti

Manuela Dantas

Waldecy Mathias Lucena

Boletim Informativo do CERJ:

Tiragem: 250 exemplares.

Os artigos assinados não representam necessariamente a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.

Escalar é um esporte de risco.



O MONTANHISMO E SUAS HISTÓRIAS

A edição do livro "História do Montanhismo no Rio de Janeiro: dos Primórdios aos Anos 40" (Publit/Montanhar), do Wal, vem resgatar fatos relevantes e curiosos que ocorreram até os idos de 1940 em nosso esporte. Fruto de um trabalho de dez anos, esse livro vem ao encontro de nossos anseios por registros de informações daquela época.

Wal, o CERJ deseja a você todo sucesso nessa obra, por sua dedicação ao montanhismo, e nos últimos tempos em particular, pelo próprio CERJ.

Outra História maravilhosa, porém com um final trágico, é a trajetória de Vitor Negrete. Montanhista obstinado e um verdadeiro atleta, que escalou o Aconcágua por diversas vias, escalou Cataratas de Gelo, na Argentina, Huayna Potosi, na Bolívia, Condoriri, Bolívia, Rincón, Argentina, expedições com bicicleta, expedição com motocicleta, corrida de aventura de 500 km, escaladas no Monte Everest, a primeira com oxigênio e a segunda sem, sendo na descida dessa segunda expedição que o perdemos (só o corpo, pois seu espírito estará eternizado em nossos corações).

Negrete, você nos deixou fazendo o que todo montanhista gosta: escalando e caminhando em montanhas. Vá com Deus !

José Carlos Muniz

Presidente CERJ



Claudinha entrega placa em homenagem ao Waldecy, no lançamento do livro, no PNSO, em 27 de maio. Claudinha é a nova diretora social do CERJ. Nossa querida Natascha precisou se afastar por motivo de trabalho



**UNIÃO NO SANTO ANTÔNIO:
DOIS RELATOS EMOCIONANTES**

Desde que entrei para o CERJ, já tive várias experiências marcantes. Neste último final de semana, tive mais uma. A ansiedade em torno do evento já vinha se acumulando desde as últimas semanas. Acontece que minha aula de bivaque do CBM estava marcada não foi fácil. Tentar participar da tão concorrida prancheta... Finalmente, a expectativa em torno da boa vontade de São Pedro. Fomos presenteados com um sábado de muito sol. Quando tudo parecia estar resolvido, surge uma nova questão: será que Sto. Antônio é hospitaleiro? A princípio julguei que não. Aquelas idas e vindas na porta de sua casa estavam acabando com as minhas esperanças. Ele não nos receberia. Enquanto os homens tentavam achar o caminho correto, nossa Silvia dá um banho de malícia e esperteza. Seu displicente xixi deve ter-lhe mostrado algo mais convincente. Estávamos no caminho certo. Agora era só correr. Nosso guia havia determinado que a uma hora da tarde iniciáramos o retorno. Eu e Bodi olhávamos o relógio a todo momento. Conhecendo a flexibilidade do Wal, só havia a esperança de que ele esquecesse de conferir o horário. De repente, a pergunta fulminante: que horas são? Pensei em tentar fazer com que o relógio do Bodi mentisse, mas poderia haver outros relógios mais sinceros de plantão. Pronto! Nossa excursão acabaria ali. Mas o Santo Antonio deve ter ficado tão bem impressionado com a Silvia que até influenciou o comportamento do nosso guia. Bem humorado e decidido ele respondeu: "Mais uma hora até o cume. Vamos tocar pra cima.

A alegria da chegada já se antecipava ali. O visual da Serra dos Órgãos sempre me emociona, mas aquele dia foi especial. Chegamos lá aos gritos. Nos abraçamos e pulamos como meninos. "Aha, uhu, o Sto Antônio é nosso!!!" A Serra era nossa!

Aquela imensidão de formas majestosas sempre me faz divagar. Atéia convicta, não

entendo porque é tão necessária à maioria das pessoas a idéia de intencionalidade na criação do Universo. Diante de todos os problemas de nosso planeta, se imagino um ser onisciente e onipotente como responsável por este feito, sou levada a pensar que ele poderia ter realizado um trabalho melhor. Mas... Se reflito sobre as intrincadas condições para que haja vida, condições quase impossíveis de acontecer simultaneamente... Se penso nos quinze bilhões de anos que levamos para chegar até aqui... Se penso no tamanho no Universo e lembro que somos um planetinha, perdido em um sistema, perdido em uma galáxia, perdida entre bilhões de outras... E se penso que estamos aqui por um mero acaso, uma feliz coincidência... Caralho!!! Puta que pariu!!! Concluo que temos muita sorte de estar vivos, no cume do Sto. Antônio, em meio à grandiosidade da Serra dos Órgãos e à perfeição da natureza que lá se exhibe, em um sábado de muito sol, rodeados de amigos... Éxtase é o que sinto.

Monica Costa

Resposta:

Moniquinha, quanta sensibilidade no seu texto...isso é viver. A alegria de todos quando eu e João chegamos "não tem preço"! Que grupo! Que excursão!

Fiquei tanto tempo longe do Cerj e vejo que ainda é um lugar de gente especial e feliz. Ainda não desci, continuo lá no alto, no cume...

Elma (Maria)

FINALMENTE, O SANTO ANTÔNIO

Tudo começou muito antes deste dia, e de há muito eu namorava este cume. Esta é uma oportunidade única e imperdível, o cume do Santo Antônio é um dos muitos do PNSO interditados à visitação; só pode ir com permissão expressa da direção do Parque. E aproveitando a "IV Semana de Montanha", o Wal conseguiu autorização.

Início da trilha: Ai é que a porca torceu o rabo. Nenhum dos 20 integrantes do grupo conhecia a trilha e apenas o Wal tinha uma vaga indicação da localização do ponto de partida. Pegamos duas trilhas erradas, ambas iniciando na estrada, a primeira acompanhando a margem esquerda do rio Paquequer e a outra, situada uns 300m antes deste ponto, bem ao lado do chuveiro instalado na beira da estrada. Eram apenas trilhas de manutenção das tubulações de captação de água; e na segunda tentativa, apesar de termos gasto cerca de hora e meia em explorações procurando o caminho, pelo menos desta vez não foi preciso voltar à estrada e acabamos na trilha certa.

Aqui não podemos deixar de agradecer a Silbia, que procurando um lugar sossegado para regar as plantas acabou tropeçando num caminho que nos levou diretamente para a trilha atual para o cume; "santo xixi!"

A esta altura já passava das 11h e a previsão para chegada aos cumes era entre 13h e 14h com filmagem geral dos cumes invadidos e um minuto de silêncio em memória do Vítor Negreti, às 13:30h. Mas, como a turma é boa e perseverante, dali pra frente praticamente não perdemos mais tempo, conseguindo nos orientar bem,

Depois de muito sobe e desce e atravessa rios, chegamos na base do paredão sul da Verruga, e após cruzar mais uma vez um rio, começamos a subida pela encosta norte do Santo Antônio, e que subida! Um toca pra cima interminável, 90% dentro da mata, onde eu engrenei uma segunda e só fui parar no cume. Quando vimos o tamanho da encosta que tínhamos que vencer e o tempo que nos restava para fazê-lo antes de o helicóptero começar as filmagens, alguns

duvidaram que fosse possível, mas no final das contas conseguimos. Quando saímos da mata e enfrentamos o trecho final da subida, misto de lajeados de pedra e vegetação rasteira, o helicóptero já rondava os outros cumes, onde já havia bastante gente comemorando o evento. Depois de muita ralação, após passar por um falso cume aonde todos, sem exceção, emitiram aquele p... ainda não é aqui, às 13:35h finalmente alcançamos o cimo do Santo Antônio, portanto dentro do horário previsto para a filmagem.

Todos venceram o desafio e quando o helicóptero nos filmou já tínhamos 80% do grupo no cume. Meus camaradas, "rapadura é doce mas não é mole não"; a vista descortinada deste cume é simplesmente maravilhosa e incomparável, pois estamos exatamente no centro do raio da cadeia formada por este setor do PNSO. Somos uns privilegiados, mas como nada neste mundo é de graça, pra chegar aqui "tem que merecer"!

O Santo Antônio foi um dos muitos cumes povoados na invasão do PNSO deste sábado, 27 de maio, e dali conseguimos avistar perfeitamente todos os outros. Uma turma do CERJ estava na Pedra da Cruz.

Participantes: Alfredo, Ana Paula, Arthur, Claudinha, Elias, Elma, Ester, Velho, Gustavo, Hernando, Molica, Manu, Miriam, Mônica, Rafael, Seba, Silvia Hargreaves, Silvia Noronha e Wal, guia oficial da excursão, e eu.

José de Oliveira Barros



Foto do cume: Elias

Data	Atividade	Tipo	Responsável
03 de junho	Chaminé Stop	Escalada 3º III sup	Mollica
04 de junho	Paredão Leila Diniz	Escalada 3º III	Zé
04 de junho*	Lagatinho (base da Stop)	Mutirão de reflorestamento	Sávio
10 e 11 de junho	Cobiçado / CBM 2006	Bivaque do CBM 2006	Wal
11 de junho	Andaraí Maior, Tijuca Mirim e Pico da Tijuca	Caminhada Leve superior	Muniz
11 de junho	Maria Comprida	Caminhada pesada	Miriam Bamos
11 de junho	Pedra da Gávea	Caminhada semi-pesada	Puppín
15 de junho	Torres de Bonsucesso	Caminhada semi-pesada	Miriam Bamos
17 de junho	Bohemia Gelada	Escalada 2º III	Rafael e Miriam Bamos
17 de junho	Coringa	Escalada 3º III sup	Mollica
24 de junho	Paredão Paraíso Perdido (P3)	Escalada 4º V	Zé
24 de junho	Vereda Tropical	Escalada 4º IVsup	Julio
24 de junho	Estranho no Ninho	Escalada 5º VIIa (A0)	Mollica e Silvia
25 de junho	Passagem da Neblina	Caminhada semi-pesada	Miriam Bamos e Mollica
1º de julho	Escalavrado	Caminhada semi-pesada	Puppín
1º de julho	Dedo de Deus (Leste/Maria Cebola)	Escalada 3º IIIsup	Julio e Silvia
1º de julho	Festa Junina	Social	Claudinha
11 de julho (a confirmar)	1º Festival Cervejense de Filmes de Montanha	Social	Claudinha

* Se chover, é transferido para o domingo seguinte. Faça sua prancheta invertida. Informe-se na secretaria do clube.

Em agosto, sensacional festa da montanha!!!!!!!

MUITA GARRA NOS AUSTRÍACOS

Ontem entendi melhor o significado de parede grande: é rocha que não acaba mais, imponente, vertical, vertiginosa, psicológica e, sinceramente, uma incrível experiência. A parceria da dupla foi fator crítico de sucesso, o tempo todo buscando motivação onde não existe para seguir sempre subindo. O desejo de descer se materializava a cada hora e com o passar do tempo o cume estava mais perto do que a base da via... uma complexa equação.

Minha relação sempre foi intensa com esta parede. Em 2002, fazendo a trilha do Parque Laje - Corcovado, em pleno janeiro incandescente, não levei água e tomei todas as águas do caminho... 15 dias depois descobri que estava com Hepatite A. Pressão...

Em 2003 realizamos a primeira investida para reconhecimento da trilha. Orientação na mata fechada em busca das melhores cristas. Uma hora de toca pra cima (equivalente a trilha do Dedo) e pronto! Chegamos na base da grande parede do Corcovado. No dia seguinte voltamos lá, refizemos a trilha com facilidade e, chegando na base, entramos na via errada. Quando nos deparamos com um esticão de 6° grau com 15 metros, pensei: "caramba, que porra de A0 difícil, sô..." Estávamos na via Oitavo Passageiro.

Pra fechar com chave de ouro, na volta descí um pouco mais rápido e enquanto esperava o Wal, fui atacado por uma fera ensandecida. Tomei uma mordida de cachorro na parte superior da perna (bunda) e cinco injeções de anti-rábica na seqüência...

Em 2004, tudo pronto e quando iniciamos a caminhada fomos deletados por um boêmio que às 5h da matina promovia baderna no Parque Laje. Resultado: fomos impedidos de entrar. Resolvemos mandar uma Stop. Foi minha melhor repetição desta via, em aproximadamente três horas de escalada. No final da via, já na caminhada, escorreguei e quebrei a mão no mesmo lugar de três meses atrás...

Em 2005 não conseguimos coordenar nossas agendas, o tempo não colaborou, com muito sol e chuva quando já estava tudo



JP guiando o primeiro esticão

combinado. Passou em branco... (pelo menos sem hepatite, mordidas, fraturas ou blitz da guarda municipal às 6h da matina...).

Em 2006 planejamos com mais informação e, mesmo assim, levamos a metade do equipo necessário (20 mosquetões, aos invés de 40).

Refizemos a trilha com facilidade e às 06h40 estávamos na base da parede. Comecei a guiada e já senti a pressão na primeira sessão de parafusos e grampinhos stubai de 1/4. Atualmente estou com 83 Kg, o que serviu de fator psicológico para testar as proteções antes de me pendurar nelas. Resultado: gastei uma hora para subir 30 metros. Na subida constatei que a maioria das proteções era "BOMBA", "BOMBA RELÓGIO" prestes a detonar! Caso uma se rompesse, seria um festival de grampinhos estourando em série... show de horrores, não caia!

Revezamos a guiada e o Wal assumiu, realizando os lances com mais velocidade,

DEDO DE DEUS SEM MOCHILA

Tudo começou quando comentei com o Wal que achava a parte de rebocar mochilas dentro das chaminés o que havia de pior e mais demorado na escalada do Dedo de Deus. Ele me disse: "Rafael, dá para fazer sem mochila, ganha-se um tempo danado. Uma cordada com 2 pessoas em boas condições físicas leva isso numa boa."

Combinamos de experimentar essa logística um dia e assim fizemos no dia primeiro de maio. A idéia era amoiatar as mochilas na bifurcação para a trilha que dá acesso à base da Leste e pegá-las na volta, vindo da Teixeira. Assim foi feito. A logística toda foi feita da seguinte forma:

1- Fomos com as mochilas até o início dos cabos de aço na Chaminé das Pedras Soltas. Colocamos o baudrier, duas solteiras, capacete e sapatilha. Muito boa a idéia de colocar as sapatilhas para fazer os cabos de aço. Apesar de não ser necessário, fazer cabo de aço com sapatilha nos permite manter uma posição mais vertical, diminuindo bastante o esforço nos braços. Os sapatos foram clipados ao rack do baudrier com um mosquetão. Bebemos bastante água.

2- No trecho de trepa-pedra + cabos de aço depois das Pedras Soltas, relocalizamos os tênis e penduramos as sapatilhas no baudrier.

3- Chegamos à bifurcação para a Leste, onde deixamos as mochilas. Bebemos mais água, comemos uma maçã cada um, e partimos para a Leste com os seguintes cacarecos:

. Equipamento individual de escalada completo (sapatilha pendurada no baudrier).

. Seis costuras, fitas diversas (sendo uma bem grande para proteger o Passo do Gigante), mosquetões extras – tudo pendurado nos nossos baudriers.

. Pochetes com aquele "cobertor metálico de emergência", um mixed nuts (castanha, amendoim, passas, sal etc.), um leite moça em sachê, canivete, um isqueiro, um ATC reserva, telefone celular, um par de joelheiras (o Wal esqueceu as dele, ficamos com uma cada um).

. Um litro de água (garrafa gorda e baixa

de uma certa marca de água mineral) dentro de um saco de magnésio Kailash, pendurado no rack do baudrier – invenção e adaptação de autoria da minha Marcia.

As joelheiras e um dos protetores de frio foram transportados dentro dos nossos capacetes, entre a parte plástica e as alças – uma boa dica do Wal.

Livres, leves e soltos! Show!

Fizemos a escalada com total tranquilidade, sem correria mas também sem enrolação. Não abrimos mão de qualquer procedimento de segurança. E ainda demos algumas paradinhas para apreciar o visual que estava incrível! Para não dizer que não houve qualquer tipo de imprevisto, a corda se enroscou numa pedra naquela chaminé depois da Maria Cebola e deu algum trabalho. Fora isso, tudo certo.

Ficamos meia hora no cume, ligamos para algumas pessoas, enquanto apreciávamos as montanhas ao redor. Foi o meu primeiro Dedo de Deus com céu azul. Muito lindo aquilo tudo!!! Falei pro Wal: "Pô, cara... vai dar para almoçar em casa!!"

Desta vez não descemos pelo rapel expresso. Preferimos rapelar pela Teixeira (que não elimina aquele negativão). Na bifurcação, pegamos nossas mochilas e voltamos.

Caraca... Mochila no Dedo de Deus... nunca mais!!

Horários / tempos aproximados:

Início da trilha - 6:00 h

Base da Leste - 7:30 h.

Cume do Dedo de Deus - 9:00 h.

Início da descida - 9:30 h.

Chegada - 12:00 h (ih... vai dar mesmo para almoçar em casa!!)

Bem... aí começou o perrengue... tava demorando... Na Baixada, próximo ao pedágio, a rebimbela da parafuseta do meu carro se soltou, a água esquentou e tivemos que parar num posto e aguardar o reboque da seguradora. Demorou quase 2 horas... crux da excursão!

Rafael Tillava



Acima, Reinaldo Behnken, Layla, Lara, Luiz Guedes e Salô. À esq: Arthur, no foco da cachacinha. No alto à dir, galera na barraca do CERJ. À dir., o CERJ na barraca do Gerard e da Miriam. Este ano ganhamos o cabo de guerra!



Fotos: Puppim

Aniversariantes

Junho

- 01 MICHEL DOS SANTOS BITANA**
- 03 PATRICIA MOREIRA DA ROCHA**
- 06 CLAUDIO ROGERIO VICENTI**
- 08 CELSO GOMES MARQUES DA SILVA**
- 13 DANILO DE HOLLANDA FERNANDES**
- 16 LUCY MARY SOUZA**
- 17 JAIR LOURENÇO / NATASCHA KREPSKY**
- 19 LEIA DE MACEDO ROCHA**
- 24 IRENE TRIGONA**
- 25 CLAUDIA HELENA FRIAS**
- 28 ALDA ANDRADE / NORMA DE ALMEIDA / SABINE PABST**

percebemos que só assim teríamos chance de completar a escalada. Wal guardou o seu psicológico no bolso e tocou pra cima sem pensar muito. Felizmente mandou bem à vera e não creditou horas de vôo no seu cartão smiles.

Enquanto um guia, o outro sobe juma-reando, limpando as proteções e malhando braço e perna sem limites.

Resumindo, mais um mito derrubado. Pretendemos não voltar lá tão cedo (talvez nunca). Boto pilha para todos tentarem, independente do sucesso, a radicalidade está na tentativa. Estou muito feliz que tudo deu certo. Poderia ter complicado e muito. Fazer os procedimentos à noite, cansados, pendurados a 90 graus, sem um platozinho para descansar os pés.... Obrigado às forças ocultas da montanha e ao guerreiro Wal pelo dia inesquecível. Terminamos a via às 20:40.

PS: Não posso deixar de registrar a eficiência da nossa equipe de apoio. Na calada da noite aparecem Rafael e Marcia para nos resgatar nas Paineiras. Cerveja gelada e outros líquidos, biscoito, batata frita, bombom e papo agradável... são detalhes.... Rafael, como te disse, algumas ações não tem preço, sentido verdadeiro do montanhismo praticado pelo CERJ.



Wal, guiando; e abaixo, panorâmica do Rio durante a ascensão. Mais um feito marcante do CERJ, que há muitos anos não voltava a esta via clássica do Corcovado

JP



VELHA GUARDA NO GARRAFÃO

Leuzinger no cume do Garrafão, com a Agulha do Diabo ao fundo
(Fotos: Waldecy)



Conforme prometido aqui vai meu "relatório" da excursão dos veteranos do ano da graça de 2006, realizada nos dias 5 e 6 de maio. Não é um relato fiel e técnico da excursão, pois isso é tarefa dos guias, mas uma crônica relativa às minhas emoções, experiências, sentimentos, alegrias, medos, expectativas, decepções e tudo mais que a fantástica alma humana pode arquivar.

A vida é como uma excursão à Serra dos Órgãos.

A primeira infância equivale à caminhada ao abrigo 4, cheia de esperanças e ideais. É difícil, dura, mas alegre e cheia de surpresas. Existem metas, sonhos a serem realizados, campanhas a serem cumpridas. A noite sugere a nossa solidão, que todos vivenciamos em algum momento. É aquele momento que mergulhamos em nós mesmos, vivenciamos nossos fantasmas, enfrentamos nossos egos, balanceamos nossas virtudes e defeitos, e sentimo-nos deuses e diabos ao mesmo tempo.

A caminhada à Pedra do Sino e a aproxi-

mação do Garrafão é a primeira fase da vida adulta, na qual estamos elétricos, agitados, cheios de energia e planos, construindo o nosso mundo e vivenciando nossa vitória futura.

O rapel e a subida ao Garrafão são a segunda parte de nossas vidas quando, já quarentões, começamos a saborear as nossas conquistas, somos mais experientes, mais seguros, mais completos e – por que não? – mais humildes também.

Finalmente, o retorno! Bem, o retorno é a nossa aposentadoria, a melhor idade, o tempo de gozar o que construímos com tanto sacrifício – trabalho, vitórias e derrotas. É o momento pleno da vida, o cume de nossa existência.

Em toda a excursão vivenciamos um fabuloso companheirismo, digno dos melhores ideais do excursionismo. Compartilhamos cada instante e cada emoção. Tenho para mim que em cada excursão existe uma troca de energia entre todos os participantes. Cada um de nós torna-se um pouco o outro,

pois recebe parte de sua energia e, com ela, parte de seu ego, da mesma forma que doa um pouco de si aos outros. Assim, ao final, somos um pouco todos, somos um coletivo, uma forma única de energia, de alma, de sentimentos. São as agruras do esforço, a fome, o frio, a noite mal dormida, o peso da mochila, mas são, também e acima de tudo, as alegrias incomparáveis de cada instante vivido na montanha, junto aos nossos deuses, contemplando olímpicas paisagens, verticais rochosas abissais, paraísos terrestres dignos das mais altas divindades. Um reino de amor e paz.

Nesses momentos podemos repetir os versos de Castro Alves em Navio Negroiro – “Bem feliz quem ali pode nest’hora sentir deste painel a majestade!”.

Em cada curva do caminho do abrigo 4 uma volumosa corrente de lembranças assaltava-me a mente. Lá estavam os velhos companheiros de tantas jornadas memoráveis. Lá estavam as meninas das décadas de 50 e 60, pioneiras da libertação feminina, cheias de coragem e ideais de um mundo melhor e mais igualitário. Lá estavam os guias míticos do CERJ, que realizaram conquistas magníficas para o Clube. Lá estava eu, novo, apaixonado, cheio de vida, certo de viver os privilégios dos montanhistas de todos os tempos em todas as montanhas.

Finalmente o cume do Garrafão. Recuei 40 anos. Era de novo um menino. Os rostos eram outros, mas isso não tem importância.

Na montanha, atemporal por natureza, não importa a época. Os rostos são diferentes mas essencialmente são os mesmos, pois os montanhistas renovam-se na montanha à medida que suas energias, reprodução metafísica de suas almas, eternizam-se em cada curva do caminho e encontram abrigo em cada novo espírito que cruza aquelas paragens divinas.

Uma velha canção folclórica gaúcha diz – “fantasmas do passado no tropel das tradições” – É isso. A montanha sempre foi a morada dos deuses e nós, montanhistas, os mensageiros humanos que chegam ao seu cume para levar uma mensagem de esperança e amor. Nesses momentos, nós, frágeis homens e mulheres da Terra, transmutamo-nos em deuses e sentimo-nos, sem falsa modéstia, melhores, mais perfeitos, mais fluidos, mais espíritos – portanto, mais verdadeiros.

Obrigado companheiros e companheiras do CERJ, eternos companheiros e companheiras. Obrigado Zé, Wal, Norma, Ana Paula, Elma, Mollica e Fernando (Velho). Obrigado pela humildade de terem compartilhado comigo um mundo extra-sensorial de belezas inimagináveis. Obrigado por terem vindo comigo cruzar os místicos pórticos do paraíso terrestre e, no limiar do céu, ter contemplado as belezas eternas do Universo.

Obrigado!

Claudio Leuzinger



A partir da esq.: Zé, Velho, Ana Paula, Wal, Leuzinger e Norminha, no abrigo 4, onde dormiram na véspera da ida ao Garrafão. Também participaram da excursão o Mollica e a Elma. O grupo contou com a ajuda de São Pedro; o tempo estava fechado, chegou a chover na área do Dedo de Deus pela manhã, mas não no caminho do Garrafão. A excursão foi marcada por sugestão do próprio Leuzinger, que não voltava a esta montanha havia mais de 30 anos